



Prisma Jurídico
ISSN: 1677-4760
prismajuridico@uninove.br
Universidade Nove de Julho
Brasil

Franca Filho, Marcílio; Lacerda, Bruno Amaro; Murachco, France
Da arte de pintar a justiça: um diálogo entre Mantegna e Momo por Battista Fiera de Mântua
Prisma Jurídico, vol. 10, núm. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 423-441
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93421623009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Da arte de pintar a justiça: um diálogo entre Mantegna e Momo por Battista Fiera de Mântua

Marcílio Franca Filho

Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (CCJ/UFPB);
Procurador-Geral do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da Paraíba;
Pós-Doutor em Direito pelo Instituto Universitário Europeu (IUE) de Florença (Itália).
João Pessoa – PB [Brasil]
marcilio.franca@pq.cnpq.br

Bruno Amaro Lacerda

Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela UFMG;
Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Juiz de Fora – MG [Brasil]
brunoalacerda@ig.com.br

France Murachco

Doutora e Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP).
São Paulo – SP [Brasil]
fymurach@usp.br

▼ A obra apresenta um hipotético diálogo entre o pintor Andrea Mantegna, um grande amigo de Fiera falecido nove anos antes da publicação do texto, e o deus clássico do sarcasmo e da loucura, Momo, em que discutem sobre como deveria ser pintada a Justiça. O diálogo é imaginado em Roma, provavelmente entre 1488 e 1490, época em que Mantegna realmente trabalhou na decoração da capela privada do Papa Inocêncio VIII.

Palavras-chave: Justiça. Direito e arte. Battista Fiera de Mântua.

1 À guisa de introdução

Numa sociedade cada vez mais multimídia, a insuficiência do mero texto legal para compreender e transmitir toda a complexidade do fenômeno jurídico tem sido uma constatação frequente das teorias do direito contemporâneas. Na busca de novos modelos epistemo-metodológicos para a juridicidade, o direito tem procurado aproximar-se cada vez mais de outros saberes, em busca de diálogo. É assim que, a partir da década de 1990, o surgimento de várias matizes do movimento “*Law and ...*” – tais como o *Law & Society*, o *Law & Literature* e o *Law & Humanities* – provocou uma onda de larga disseminação de estudos humanísticos, estéticos e culturais sobre o direito. Constatou-se, pois, que do direito não falam apenas os juristas, os catedráticos ou os magistrados. Do direito podem falar também, e com propriedade, as musas dos poetas, dos pintores, dos arquitetos, dos teatrólogos, dos cineastas, dos romancistas, dos tragediógrafos, dos músicos – sempre com grande valia e autoridade por conta do seu não-dogmatismo, da sua dinâmica complexidade, da sua refinada compreensão do mundo, da sua abertura e da sua criatividade. Nesse contexto, este trabalho constitui mais um esforço de aproximação multidisciplinar à juridicidade, reunindo pesquisadores de diferentes formações para jogar luzes sobre as relações entre arte, direito e literatura a partir da tradução de um importante escrito renascentista: o diálogo *De Iusticia Pingenda*, de Giovanni Battista Fiera, em que são discutidas diferentes maneiras de se retratar a Justiça e algumas implicações hermenêuticas (*avant la lettre*) de cada uma daquelas opções.

O humanista Battista Fiera nasceu em Mântua, Itália, em 1469(?), e faleceu naquela mesma cidade em 1538. Realizou estudos universitários em Pavia, dedicando-se especialmente à medicina, que se tornaria sua principal ocupação, embora sempre associada à paixão pela literatura, pela poesia, pela filosofia e pela teologia – como era próprio dos grandes intelectuais do Renascimento. Após alguns anos em Roma, onde

publicou seus primeiros escritos de poesia, Fiera retornou a Mântua nos primeiros anos do século XVI, possivelmente para se dedicar mais à profissão de médico. Em 1515, ele recolheu uma série de textos inéditos sob o título de *Hymni divini* e os publicou por meio do editor Francesco Bruschi. Entre esses trabalhos, estava uma das mais significativas de suas obras, o pequeno diálogo, *De Iusticia Pingenda*, aqui apresentado em sua primeira tradução em língua portuguesa, realizada diretamente do latim original pela Profa. Dra. France Murachco, com o cotejo entre duas reproduções do texto latino (todas referidas na bibliografia que acompanha este texto).

A obra apresenta um hipotético diálogo entre o pintor Andrea Mantegna, um grande amigo de Fiera falecido nove anos antes da publicação do texto, e o deus clássico do sarcasmo e da loucura, Momo, em que discutem sobre como deveria ser pintada a Justiça. O diálogo é imaginado em Roma, provavelmente entre 1488 e 1490, época em que Mantegna realmente trabalhou na decoração da capela privada do Papa Inocêncio VIII, no Vaticano. O texto aproveita o fato histórico da primeira e única estada de Mantegna na Cidade Eterna e tenta imaginar como teria sido o encontro do atarefado pintor com a insensata divindade. No diálogo, Mantegna conta a Momo algumas conversas que teve recentemente com filósofos, artistas e teólogos sobre como os pintores deveriam retratar adequadamente aquela importante virtude – de fato, a Justiça é uma das “virtudes cardeais”, ao lado da prudência, da fortaleza e da temperança.

As respostas variadas recebidas por Mantegna, às quais se segue invariavelmente uma espirituosa observação de Momo, mostram ao leitor que a Justiça é uma virtude de difícil definição, pois reflete as diversas concepções que os homens têm das falhas e acertos da vida em sociedade e, principalmente, porque remete a um horizonte de harmonia, equilíbrio e perfeição que não encontra lugar neste mundo. Afinal, como pintar, com belos traços femininos e atributos de unívoca significação aquilo que pode ser concretizado apenas parcialmente nesta Terra? Os ideais de justiça e

harmonia, bastante vivos naqueles tempos da Renascença, eram tarefas sérias demais para serem entregues ao racionalismo extremo dos filósofos. Para temperar a discussão, nada melhor do que a saudável loucura das opiniões de Momo.

2 O diálogo

SOBRE UMA PINTURA DA JUSTIÇA DIÁLOGO DE BATTISTA FIERA DE MÂNTUA

Interlocutores: MANTEGNA e MOMO

MANTEGNA

Certamente, se esses filósofos não forem loucos e, se, ao contrário, forem quase divinos (o que o mundo afirma), não hei de estranhar jamais o bastante de onde lhes vêm opiniões tão diferentes.

MOMO

Mantegna, tenhas um bom dia.

MANTEGNA

Ó Momo, boa saúde; que oportuna tua chegada.

MOMO

Eis-me aqui; se houver qualquer coisa que de mim queiras, manda. Mas, primeiro, te peço: de onde vens? Te vejo ao mesmo tempo apressado e preocupado.

MANTEGNA

E como! Agora, vás direto ao ponto.

MOMO

É assim que costumo sempre fazer a não ser que eu tenha de tratar com gente graúda. Com esses, é o contrário que deve ser feito.

MANTEGNA

Com pequenas lisonjas, não é?

MOMO

Mas, como de outro modo? Pois, sim, com outro procedimento não conseguiria nada.

MANTEGNA

Bem, deixemos disso, por enquanto. Venho dos filósofos, com os quais troquei palavras sobre pintar a Justiça¹; ouça, por favor, em que teias me envolveram.

MOMO

Nem deves dizer teias. Melhor dizer delírios. De fato, todos deliraram, menos Epicuro, com o qual também te aconselho recobrar o bom senso. Mas, por que razão tiveste o encargo de pintar a Justiça quando para tão poucos (sobretudo agora) ela apresenta interesse? Permite que descanse em paz. Assim como foi a última finalmente colocada entre os grandes deuses, assim deve ser a última a ser chamada de volta. Enquanto isso, fatiguemos outros deuses mais agradáveis e que não impõem a ninguém leis incômodas.

MANTEGNA

Não me faças mudar de ideia. Decidi que hei de pintá-la, de uma maneira ou de outra. Assim mandou quem tudo pode. No entanto, como sou um tipo de pintor que cuida também dos menores traços com um cuidado extremo e como tenho ouvido sempre opiniões diversas sobre a própria Justiça, por isso, julguei que devia consultar os filósofos.

MOMO

Muito bem, e foi uma boa ideia evitar os juristas; nada, na verdade, é mais presunçoso, mais prolixo que eles e nada mais disposto a querelar sem ponderação. Embora os filósofos também sejam, muitas vezes, inconsequentes.

MANTEGNA

Não negarias com certeza que é da filosofia que esse tipo de coisa há de ser aprendida com mais garantia?

MOMO

Admito.

MANTEGNA

Mas hás de lembrar, Momo, que eu sou cristão de nascimento, e para mim Deus é um, embora em três pessoas, e não tenho aqueles teus numerosos deuses dos quais se inventam histórias tolas. No entanto, não nos detenhamos neles agora; volto a meu pincel; tu, realmente, voltas com frequência a esses assuntos assim como a outros com pouca discrição.

MOMO

Concordo, como preferes, por enquanto; mas, promete que um dia me falarás sobre isso.

MANTEGNA

Prometo que esclarecerei o que eu posso acreditar da lei divina. Mas, por ora, como estou ainda em dúvida sobre o aspecto da Justiça, oxalá pudesse vir de ti algum esclarecimento que me ajudasse bastante.

MOMO

De que filósofos tomaste conselho para essa pintura? Verei se vão por um caminho correto.

MANTEGNA

De Hipólito Sasso², em primeiro lugar, e este disse que deve ser pintada com um olho só, no meio da testa, bem grande, e com a órbita extremamente aberta sob uma sobrancelha alta, de modo a poder perceber e discernir cada coisa com muita prontidão e certeza.

MOMO

O que acontece se algo vier a produzir-se nas suas costas, ou talvez a feri-la ou a bater nela por trás? Por acaso será segura o bastante com um só olho na frente?

MANTEGNA

Ele não discutiu esse ponto, mas não se poderia avisá-la puxando-lhe levemente o manto, Momo?

MOMO

Bem, sem dúvida; e hoje em dia muitos costumam fazer isso. Mas se tivesse também um olho nas costas, ela ganharia consideravelmente em régia majestade.

MANTEGNA

Tens boas ideias.

MOMO

E quem mais consultaste?

MANTEGNA

Erasmo, o Estoico³.

MOMO

Podes dizer o Estúpido; e este que tipo de justiça te aconselhou?

MANTEGNA

Ele disse para pintá-la sentada, segurando uma balança na mão.

MOMO

Ele tem o raciocínio do seu pai, outrora vendedor de perfume.

MANTEGNA

Mas como ia embora, disse: “Mantegna, faça-a com uma mão só.”

MOMO

Ora, não há nada que ela possa vender; daí, não precisa da outra mão para pôr contrapeso nos pratos da balança. Mas, por acaso perguntaste para que mandaria fazê-la assim, com uma mão só?

MANTEGNA

Perguntei; para que não fizesse contrapeso, naturalmente, respondeu.

MOMO

Por Polux, está lembrado das fraudes do seu pai. E depois, quem mais viste?

MANTEGNA

Mariano⁴.

MOMO

E ele?

MANTEGNA

Instruiu-me a pintá-la sentada, com olhos de todos os lados, assim como Argos⁵, outrora.

MOMO

Haverá de dormir, por acaso?

MANTEGNA

E brandindo uma espada com a mão para afastar os ladrões e proteger os inocentes e os pobres.

MOMO

Com certeza, os pobres não têm nada a temer e estão suficientemente seguros por si mesmos. Mas foste ter com Astálio⁶?

MANTEGNA

Fui.

MOMO

Que te aconselhou esse homem de bem?

MANTEGNA

Encontrei-os, ele e Fiera, disputando encarniçadamente sobre medicina.

MOMO

Cabeça dura a dos dois.

MANTEGNA

Fiquei esperando; em seguida insisti para que me atendesse no meu pedido. Astálio mandou pintá-la sentada num assento quadrado de mármore, um pouquinho arredondado, tal qual foi o de Lesbos antigamente, tomando medidas com uma régua de chumbo⁷.

MOMO

Sem dúvida, este a apresenta mais amável e não furiosa com uma espada na mão, e foi sábio em temer que ela caia. Mas por que a colocou medindo com uma régua de chumbo? Acaso avisou-se que algum dia seria entortada, o que o povo também apregoa muito sem graça, atribuindo-lhe um nariz de cera?

MANTEGNA

De jeito nenhum. Mas aconselhava que deveria usar rédeas bem iguais, porém, flexíveis, às vezes.

MOMO

E Fiera?

MANTEGNA

Elogiou o conselho, mas recomendou por cima pintá-la com orelhas.

MOMO

Por que isso? Teme-se por acaso que seja surda?

MANTEGNA

Teme-se; nem Astálio censurou essa ideia subsidiária.

MOMO

Admiro-me; pois costumam discordar sempre. Mas a respeito de sua roupa e de seus adereços, não disseram nada?

MANTEGNA

Claro que sim, prescreveram que devia usar o hábito de gente tolerante e paciente que revestem estas nossas religiosas, as muito pacientes Clarissas que, sobretudo, se apresentam com os pés descalços.

MOMO

Pois é, querem-na de castigo; mas, acaso quiseram pintá-la com asas?

MANTEGNA

Ninguém lembrou.

MOMO

Não é de estranhar; temeram que saísse voando de novo por medo de ficar descalça; sobretudo, pelo que percebi, porque, na verdade, todos eles recomendaram pintá-la como mulher. É o que concluo. Ouço dizer, porém, Mantegna, que aqui do outro lado do Tibre mora na igreja de São Crisógono um certo Carmelita⁸, homem considerável, teu compatriota: consultaste-o também alguma vez sobre um assunto tão ambíguo?

MANTEGNA

É claro, muitas vezes.

MOMO

E ele, o que disse?

MANTEGNA

Vejo, Momo, a que me hás de levar para logo gozar da minha pessoa e que enquanto estou com vontade de pintar e ansioso para fazê-lo, me tirarás um dia inteiro com tuas frivolidades e depois de afastar-me do meu propósito ficarás rindo de mim. Mas já que se acha bom assim (o que é costume de todo mundo), por mim, cedo o passo. Pois, para ti cada um carrega seu alforje nas costas.

MOMO

Por Hércules, Mantegna, não é tanto que brigo quanto me divirto muito em bisbilhotar sempre os negócios alheios; não negaria, porém, que

odeio de coração os preguiçosos e os negligentes e que, aqui e acolá, bico em pratos bem suculentos.

MANTEGNA

Oxalá isso fosse o bastante, e não procurasses te meter com os homens de bem.

MOMO

Deixa para lá, enfim. Admito, não me envergonho por certo de chorar de rir e de estar sempre de olho nas bobagens dos outros. Mas o que disse o Carmelita?

MANTEGNA

Como é teólogo, de muito peso mesmo e muito devotado a Cristo, sempre afirmou que a Justiça não pode absolutamente ser pintada.

MOMO

Muito judicioso, com certeza; se esses teus filósofos tiverem opiniões tão diversas e que isso seja correto, eu também concordo com ele; como de fato pintarias a Justiça ao mesmo tempo com um olho só e com vários? Como com uma mão só, mas medindo e pesando juntamente e, ao mesmo tempo, ameaçando com uma espada? Pois, se não são completamente loucos, a Justiça não pode absolutamente ser pintada.

MANTEGNA

Este nosso amigo vai em outra direção e despreza aquelas meras ninharias.

MOMO

E para onde vai?

MANTEGNA

Para o próprio Deus.

MOMO

Para aquele de quem disseste antes que ele é um em três?

MANTEGNA

Para ele mesmo.

MOMO

Agora, explica-me bem, por favor, o que quer dizer a respeito desta Justiça no próprio Deus; ora desse outro modo a partir do teólogo mesmo, talvez eu compreenda algo a respeito da Trindade.

MANTEGNA

Eu sou pintor, Momo, e não ousaria sem atrevimento dar nem essas explicações nem qualquer outra acima do meu pincel; e por isso não me pegarás com tuas manhas e tuas brincadeiras. Lembro bem, na verdade, das palavras do teólogo que ouvi muitas vezes. Porém, talvez não as tenha entendido ainda perfeitamente.

MOMO

Contanto que lembres; será o bastante para mim; eu mesmo saberei quando for preciso interpretar.

MANTEGNA

A vontade de Deus, dizia, é a justiça porque ela tem uma regra permanente e uma razão inabalável e sem vacilos, e manda que absolutamente tudo seja estabelecido e formado com ordem, peso e medida à risca segundo suas próprias constituições e proporções; e (como ela mesma é a suma necessidade, dizia) nada atravessa seu caminho, nada se opõe a ela nem se

lhe pode opor; diante dela, cada coisa, qualquer que seja sua natureza, sua qualidade ou sua quantidade prosternada, ajoelha-se em qualquer lugar e em qualquer tempo; absolutamente tudo que existe, que vive e que morre (enquanto existe) ela não só o mantém, mas também o preserva com suas leis; o seu próprio querer é tão onipotente que, mesmo de improviso (se o ordenar), qualquer obra por tão perfeita que seja há de corresponder-lhe e realizar-se com uma admirável obediência.

MOMO

Estás dizendo coisas impressionantes, Mantegna.

MANTEGNA

Oxalá as ouvisses dele.

MOMO

Oxalá! Talvez então eu tivesse mais juízo.

MANTEGNA

Depois disso proclamava que Deus mesmo subsistia na eternidade e numa sabedoria perfeita e inexaurível.

MOMO

Foi muito bom, por Júpiter, dizer que não se pode pintar esta Justiça; pois acabá-la, como me parece ver, não é possível fazê-lo de nenhuma maneira.

MANTEGNA

De nenhuma maneira e nunca.

MOMO

Tantas coisas foram ditas da Justiça divina, penso eu. E o que foi dito da humana?

MANTEGNA

Também desta não falou com menos brilho. Pois o homem, como não é totalmente desprovido daquela razão na quantidade em que sua medida lhe foi atribuída em função de sua natureza fraca e imperfeita, se juntou o direito pelas leis daquela Justiça e se ligou com elas não podendo desligar-se em nada, nem às vezes nem um pouquinho, por causa de um sentimento desviado.

MOMO

Para que esta fosse mais convincente, por acaso não se avisou que alguma lei desta Justiça que o homem mau não pudesse negligenciar lhe fosse gravada profundamente.

MANTEGNA

Profundamente, sim, e na hora mesma do nascimento, ou melhor, dentro do próprio ventre fecundado da natureza como se, ela e a vida, as declarasses irmãs gêmeas. Afirmava que todos nasciam para se salvar a si mesmo e ninguém gostava de ser ofendido; ademais, por que alguém impor a outrem o que não quereria? E por que privaria outro do que ele mesmo pode desejar?

MOMO

É a mim, por Hércules, que serve a carapuça. É isso, todos me odeiam porque incomoda a todos: Voltando a nosso assunto, Mantegna, disse se houve algum caso no passado, isto é, um ato qualquer ou alguma lembrança para os quais poderíamos chegar a um julgamento preciso e confiável e dizer se aquele ato seria bom ou mau?

MANTEGNA

Uma vez, interrogava o Carmelita sobre isso quando, por acaso, sobreveio Fiera que, quando entendeu minha pergunta, respondeu que deve-

ria se colocar como meta para esses atos o elogio e o vitupério e pronunciar a sentença.

MOMO

Com certeza não falta graça: de lá, penso, emanam tanto a fama quanto o opróbrio.

MANTEGNA

É assim: aquela segue o elogio, que vem da virtude, este, a vergonha, que vem do vício.

MOMO

Gostaria de saber ainda uma coisa, Mantegna, se, no entanto, teu teólogo alguma vez conversou contigo sobre isso: daquela Justiça divina tão consumada e tão sólida não haveria alguma tradição instituída graças à qual todos os homens igualmente alertas ficassem de sobreaviso e não fosse permitido a ninguém, numa letargia inabalável, duvidar da Justiça.

MANTEGNA

Sim, Momo, e com certeza é algo bem evidente e que está à vista de todos, constante e claramente sob nossos olhos.

MOMO

Pois o que é?

MANTEGNA

A morte, Momo, necessidade suprema para todos, para ninguém evitável. Mais cedo ou mais tarde morremos todos, Momo, todos somos iguais diante da morte, os pequenos e os grandes, tão sagrada é a severa Justiça.

MOMO

Ergue as orelhas, Momo; para ti, então, morrer é obrigatório?

MANTEGNA

Nem penses de outro modo.

MOMO

Admirável se a maioria dos homens, enquanto vive entre os humanos, se preocupasse do seu túmulo; certo é seu cuidado de não ficar sem sepultura, já que também estão certos de morrer.

MANTEGNA

Aquilo não me abala tanto; agem assim muitos homens de bem que, por exemplo, em vida se preocupam em incomodar qualquer pessoa, assim estando para morrer, zelam para que venham a estorvar e incomodar os que ficam o menos possível, sobretudo se falecerem sem filhos.

MOMO

É justo, e não penso (pelo que vejo agora) que tenham melhor a fazer; assim e, sobretudo por isso, a boca da maior parte dos herdeiros é bem aberta e voraz e nenhum deles gasta de bom grado por dever.

MANTEGNA

Isto não atormenta mais os que se foram. Aqui o trabalho, aqui as lágrimas, Momo, oxalá terminem bem sua vida, naturalmente, e morram com coragem.

MOMO

Mas não me aterrorizes mais, nem me faças morrer. Morrer de uma vez basta e sobra. Na verdade, meu caro Mantegna, não me parecerás mais

um pintor, mas o maior filósofo, mas o sumo teólogo, a não ser que talvez venhas a pintar algum dia a Morte em vez da Justiça.

MANTEGNA

Darei graças, Momo, se daí para frente viveres dignamente. Adeus.

Agradecimento

É um dever registrar o agradecimento dos autores à Profa. Ms. Sheyla Barreto Braga de Queiroz (FESP Faculdades) pelas críticas e sugestões linguísticas, bem como pela correção de parte dos originais.

The art of painting the Justice: a dialogue between Mantegna and Momus, by Battista Fiera of Mantua

The work presents a hypothetical dialogue between the painter Andrea Mantegna, a great friend of Fiera who died nine years before the publication of the text, and the classic god of sarcasm and madness, Momus. They discuss how Justice should be painted. The dialogue is placed in Rome, probably between 1488 and 1490, when Mantegna actually worked in the decoration of the private chapel of Pope Innocent VIII.

Key words: Justice. Law and Art. Battista Fiera of Mantua.

Notas

- 1 Embora a capela decorada por Mantegna no Vaticano não tenha resistido ao tempo, há registros de que ele incluiu no seu trabalho a Justiça e as demais virtudes cardeais em uma série de alegorias (James Wardrop in FIERA, 1957, p. 11).
- 2 Possivelmente, uma referência ao poeta Panfilo Sasso de Modena, amigo de Mantegna e Fiera (James Wardrop in FIERA, 1957, p. 47-48).
- 3 Para James Wardrop (in FIERA, 1957, p. 48), esse personagem não deve ser confundido com Erasmo de Roterdã; essa opinião não é compartilhada por Signorini (2011, p. 395).
- 4 Personagem não identificado.

- 5 Referência a Argos Panoptes, o gigantesco cão de cem olhos dos gregos. Na mitologia grega, Argos era o cão de Hera, encarregado de vigiar Io, uma das amantes de Zeus, e que foi morta por Hermes, a mando do senhor do Olimpo. Hera, para homenagear o seu cão, que tinha cem olhos, retirou-lhe os olhos e os colocou na cauda do pavão, animal a ela consagrado. Panoptes significa o que vê tudo, pois Argos dormia apenas com 50 olhos, enquanto os outros 50 vigiavam (FRANCA FILHO, 2011, p. 34).
- 6 Personagem não identificado.
- 7 Referência à régua utilizada pelos construtores da ilha grega de Lesbos para medir pedras de tamanho e forma variáveis. Aristóteles compara-a com a equidade, capacidade do juiz de aplicar regras adaptando-as às situações concretas da vida (ARISTÓTELES, 1137b).
- 8 A referência aqui é ao poeta e teólogo carmelita, Giovanni Battista Spagnoli (1448-1516), também chamado de Battista Mantovano, que morara no bairro de Trastevere, em Roma (James Wardrop in FIERA, 1957, p. 45-46).

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953.

FIERA, G.B. *De Iusticia Pingenda / on the painting of justice: a dialogue between mantegna and momus*. Trad., introd. e notas de James Wardrop. London: Lion and Unicorn Press, 1957.

FRANCA FILHO, M.T. *A cegueira da justiça – Diálogo iconográfico entre arte e direito*. Porto Alegre: Fabris, 2011.

LACERDA, B.A.; LOPES, M.S. *Imagens da Justiça*. São Paulo: LTr, 2010.

SIGNORINI, R. De Iusticia Pingenda Baptistae Fiaerae Mântuani Dialogus. Tipologie Iconografiche della Giustizia (edizione critica e prima traduzione italiana). In: AA.VV. *Leon Battista Alberti e il Quattrocento* (a cura de Luca Chiavoni. Firenze: L. S. Olschiki, p. 381-434, 2011.

recebido em 7 out. 2011 / aprovado em 28 nov. 2011

Para referenciar este texto:

FRANCA FILHO, M.; LACERDA, B. A.; MURACHCO, F. Da arte de pintar a justiça: um diálogo entre Mantegna e Momo por Battista Fiera de Mântua. *Prisma Jurídico*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 423-441, jul./dez. 2011.

